



Preparem-se para o pior

CORRE por aí sério folgueiro com o cessar-fogo no sul do Líbano. E algumas almas crentes afirmam publicamente que o cessar-fogo pode ser o primeiro passo para uma paz duradoura. Estamos em Agosto. Não tenciono deprimir o auditório estival. Mas, se me permitem a confissão, o cessar-fogo no sul do Líbano constitui uma pequena tragédia para Israel e para o Ocidente. Uma pequena tragédia que prenuncia a tragédia maior que estará para vir. Israel avançou para esta guerra com um objectivo claro: erradicar a ameaça terrorista do Hezbollah. Israel falhou o objectivo e, ao falhar, perdeu a guerra: a única guerra que não podia perder. Especialistas vários adiantam as razões conhecidas: sem uma forte presença no terreno, disposta a ocupar o sul do país e a liquidar seriamente o Hezbollah, nada feito. Israel ignorou a evidência e limitou-se a desencadear uma meia-guerra, conduzida pelo ar, ou seja, expondo os erros inevitáveis da aviação a uma apertada, e tantas vezes desonesta, vigilância internacional.

Agora que os canhões se calaram, apesar do Hezbollah ter disparado os primeiros «rockets» depois do cessar-fogo (um belo prenúncio), interessa perguntar o que fica. Em primeiro lugar, fica uma força internacional que, à imagem da UNIFIL nos últimos seis anos, será incapaz de impedir que o grupo terrorista prossiga com os seus ataques, que no futuro se presumem cada vez mais mortíferos. Fica um exército libanês que não pode, ou não quer, desarmar uma milícia que francamente o suplanta. Mas fica, acima de tudo, uma certeza: este cessar-fogo é o melhor presente para Ahmadinejad. Na verdade, a guerra não procurava apenas aniquilar o Hezbollah. A derrota do Hezbollah seria um aviso de que Teerão não avançaria sem custo. Não mais. Presente no Líbano, no Iraque ou em Gaza, Teerão prepara-se para devorar o Médio-Oriente e, com capacidade nuclear, marchar para oeste. O início da paz? Se os leitores acreditam que sim, cuidado, os leitores acreditam em qualquer coisa.

Esqueletos

REBENTOU esta semana uma polémica sobre o escritor Günter Grass. Segundo parece, Grass resolveu mostrar ao mundo o último esqueleto do seu armário: aos 16, marchou nas Waffen-SS. E, ao longo de seis décadas, em prosa biográfica, ou autobiográfica, foi escondendo o facto. A «inteligentia» alemã não perdoa e trata de perguntar se a «autoridade moral» de Grass sobrevive a esta, digamos, imoral desautorização. O homem que confrontava os alemães com a necessidade de enfrentarem o seu passado foi incapaz de seguir a conduta que reservava a terceiros? Não me meto nestas questões e, claro, não comento o passado de Grass: é uma regra de elementar bom senso nunca moralizar sobre os hábitos de um moralista. Cedo ou tarde acabamos por confundir-nos com ele. Mas sempre digo que a história de Grass não constitui propriamente uma originalidade. A tradição intelectual do Ocidente é pródiga em

exemplos edificantes de intelectuais «grandiloquentes» e «humanistas» que, vistos à luta, revelam vidas pessoais que são a negação do que professavam em público. Rousseau, o precursor da espécie, afirmava que os homens nasciam livres mas em toda a parte se encontravam aprisionados? Bonito. Poético. Mas o amor pela Humanidade (com maiúscula) não impediu Jean-Jacques de enfiar os próprios filhos na roda.

Depois de um século pródigo em ideólogos e vilanias, a única atitude sensata seria não reconhecer «autoridade moral» a escritores ou intelectuais que, com pasmosa frequência, tendem a extravasar os limites a que devem estar confinados. De um escritor espera-se que escreva. De um pintor que pinte. De um cientista que faça ciência. Nada mais. E a vida? A vida, até prova em contrário, aprende-se vivendo. Quem procura a cartilha nas páginas de um livro está seriamente condenado à desilusão.